

O desafio das Exportações

São Paulo — O ano de 1999 será marcado por recessão, mas ela não será tão severa quanto a queda de 3,5% do crescimento prevista pelo governo em março. Para cinco analistas ouvidos pelo **Correio Brasiliense**, a inflação acumulada ficará próxima de 10%. A boa notícia é que o Brasil, segundo eles, conseguirá poupar os R\$ 30 bilhões prometidos ao FMI. Há fortes dúvidas, contudo, sobre a evolução das exportações. Economias desenvolvidas perdendo força e queda dos preços dos produtos agrícolas e semi-manufaturados no exterior não permitirão ao país obter um saldo positivo superior a US\$ 4 bilhões sobre as importações, como estima o ex-ministro da Fazenda, Marcílio Marques Moreira.

A queda do nível de atividade, iniciada há quase um ano, deve chegar ao fim em julho. Os empresários começarão a aplicar recursos com mais firmeza no terceiro trimestre, atentos à produção de mercadorias às vésperas das festas de natal. O ex-ministro do Planejamento, Roberto Campos, acredita que a queda do produto interno bruto (soma das mercadorias e serviços produzidos num ano) será de 1%, contra os 2% previstos pelo governo. "A economia brasileira já mostrou há décadas que é capaz de renascer de crises", comenta.

Mais cauteloso, Paulo Leme, diretor do banco Goldman & Sachs, acredita que o crescimento cairá 3% devido à frágil situação financeira do país. Para ele, o Brasil enfrentará dificuldades para diminuir o rombo de suas contas externas, de US\$ 35 bilhões em 1997, que deverá baixar para US\$ 18 bilhões neste ano. "A economia ainda não está tão sólida, pois apresenta problemas com os déficits fiscal e de balanço de pagamentos", afirma.

Leme também manifesta preocupação com o estoque da dívida pública, que alcançou em fevereiro R\$ 500 bilhões, 51,9% do produto interno. Para os credores do país, um passivo tão grande pode dar algum dia num imenso calote. Esse temor influencia juros cobrados por empréstimos internacionais.

Para diminuir o volume da dívida, ele defende que o governo ataque em duas áreas: uma delas seria aprofundar as privatizações. Leme foi um dos primeiros defensores, em *Wall Street* da venda do Banco do Brasil, Petrobras e Caixa Econômica Federal. Uma outra frente seria "aumentar o superávit primário para 5% do PIB, nível que poderia ser obtido com um câmbio mais fraco e inflação de 25% em 1999", escreveu num relatório distribuído a investidores em abril.

Devido à economia fraca, desemprego e fim da indexação, a inflação não preocupa os analistas. O ex-ministro da Fazenda, Marcílio Marques Moreira acredita que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor, apurado pelo IBGE, deverá ficar em 10%. Como ele estima que os juros reais ficarão em 10% neste ano, as taxas nominais chegarão a 20% em dezembro. "Como a implementação do ajuste fiscal é feita aos poucos, a política monetária deve ser conservadora".

A evolução do câmbio divide as opiniões dos especialistas. Para uma ala, a taxa chegará em dezembro entre R\$ 1,70 e R\$ 1,75. Estão nela o ex-ministro Moreira, o professor Luiz Gonzaga Belluzzo, da Unicamp, e Arturo Porzecanski, diretor do banco ING Barings em Nova York. Paulo Leme e Roberto Campos, contudo, acreditam que a taxa baterá em R\$ 1,90 no final do ano. A subida ocorrerá porque há muitos vencimentos de dívidas do governo e de empresas no segundo semestre, o que elevará a demanda por dólares, pressionando a cotação.

Mas a melhoria das contas externas do país deverá se limitar à queda das importações. As exportações, por fatores externos, deverão ter apenas uma pequena reação. Para o professor da Unicamp, o saldo positivo ficará em US\$ 5,1 bilhões. "Os resultados não serão tão favoráveis porque os países ricos crescerão menos neste ano. Os preços das *commodities* estão caindo devido à grande oferta internacional", diz. "Os produtores nacionais terão dificuldades para reconquistar mercados. A reação mais forte das vendas ao exterior pode começar em julho, seis meses depois da desvalorização".